

Collor perde o Congresso

Dora Kramer

BRASÍLIA — O PFL, maior partido de sustentação do governo no Congresso, preparava-se ontem para votar a favor do projeto de conversão da medida provisória que trata da comercialização do trigo quando o assessor parlamentar do Ministério da Economia, Edson Garcia, rompeu no plenário. "O governo é contra, vocês não podem votar a favor", disse ele aos parlamentares. Na frente do vice-líder do presidente Collor na Câmara, Gidel Dantas, que endossou seu argumento, o assessor do PFL, Henrique Hargreaves, respondeu de pronto: "O partido estudou o assunto, concluiu pela aprovação do projeto e vai votar assim. Além disso, o senhor não pro-

curou ninguém aqui no Congresso para informar a posição do governo".

Esta discussão entre assessores foi apenas uma das cenas que ilustraram, nos últimos dois dias, a completa desarticulação do governo no Congresso. O caso do trigo acabou em derrota, para o governo, graças à ação não só do PFL, mas também do PTB e do PDS — todos supostamente governistas. Na visita que fez à Câmara na terça-feira de manhã, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, confidenciou a um deputado do PDS e a pelo menos dois senadores que sua posição como articulador político torna-se cada vez mais difícil, pois nada tem a oferecer e o governo não lhe dá autonomia para negociar. Além disso, não há uma estratégia claramente montada. (Continua na página 3)

Collor perde apoio no Congresso

(Continuação da 1ª página)

Ontem, o vice-líder Gidel Dantas reconheceu que o governo cometeu "um erro de cálculo" ao imaginar que não haveria quórum na sessão de terça-feira, na qual a Câmara acabou derubando o veto de Collor ao Plano de Benefícios da Previdência. "A nós restou apenas a opção de comandar a retirada de plenário", afirmou o deputado, reconhecendo que a retirada é uma tática de minoria.

A insatisfação dos parlamentares governistas é tanta que eles já não se importam em demonstrá-la abertamente. A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) chegou a chamar de "incapaz" o líder em exercício do governo na Câmara, Humberto Souto, durante uma discussão sobre uma medida provisória da área de educação. Mas existe quem defenda Souto, que ainda ontem estava arrasado com os poucos 41 votos que o governo obtivera no dia anterior. "Ele é um escoteiro que trabalha sem orientação", avaliava um deputado.

A fraqueza do governo dentro do

Congresso era o principal assunto das conversas no plenário, onde, em determinado momento, correu a piada de que a bancada governista, de 41 parlamentares, não se iguala sequer à do ex-presidente José Sarney que, como senador eleito, já conta com apoio de 70 deputados e senadores.

Desorganização — O líder do PFL, Ricardo Fiúza, ameaçava na noite de terça-feira abandonar a liderança caso perdurasse "a desorganização". Até amigos e aliados de primeira hora do presidente da República, como os senadores José Agripino e Moisés Abraão, candidatos aos governos do Rio Grande do Norte e de Tocantins, não escondiam que foram ontem ao Congresso para votar contra o governo. "No nosso estado a oposição nos desafia a mostrarmos se somos mesmo governo. Como não temos como comprovar esse prestígio, viemos votar nos projetos que interessam às nossas bases", explicou Ney Lopes, do grupo de Agripino.

Segundo ele, "o presidente precisa ver que os deputados eleitos agora tem um mandato igual ao seu e que, se não

houver algum tipo de aproximação, ele não terá apoio". Ney Lopes contou que não recebeu nenhum chamado por parte da liderança do governo para comparecer às votações. "Eu soube pelo *Jornal Nacional* (da TV Globo) que era importante estar aqui ontem".

O líder do PDS, Amaral Netto — agora um dos mais violentos críticos do governo dentro do Congresso — também mostrou-se perplexo com o tamanho do desgaste: "A derrota de terça-feira foi de 76,6% contra 13,4%. Em 26 anos aqui, nunca vi isso acontecer com nenhum governo." Mas Amaral Netto tem uma explicação que, coincidentemente, foi antecipada no primeiro semestre pelo líder do governo na Câmara, Renan Calheiros. "O grande problema acontecerá depois de 3 de outubro. Vai ser um vale-tudo", dizia Calheiros em junho. "Quem perdeu está com raiva porque não foi ajudado. Quem ganhou, ganhou, independente da ajuda do governo e agora quer valorizar seu mandato", destaca agora Amaral Netto, prevendo relações ainda piores entre o governo e o novo Congresso. (D.K.)